



REPORTAGEM. O PRESIDENTE DA CGD GUIOU A **SÁBADO** PELA EXPOSIÇÃO DA OBRA DO PAI

O PINTOR MOITA MACEDO, VISTO PELO FILHO PAULO

Começou por pintar na sala da sua casa, em Queluz, mas também nos escritórios da Siderurgia Nacional, onde conheceu António Champalimaud. Católico e comunista, dizia poemas de improviso, desenhava obsessivamente, conviveu com Almada Negreiros e Júlio Pomar.

Por Ana Taborda (texto) e Alexandre Azevedo (fotos)

O pin da Caixa Geral de Depósitos na lapela é o único sinal visível de um banqueiro que, no dia 1 de fevereiro à tarde, não quer falar de Finanças nem de si próprio – a não ser no que o liga ao pai, pintor e poeta, militante comunista e católico convicto, que tanto pintava Cristos como D. Quixotes e caravelas, mas que pintava sempre, muito, de forma compulsiva, em cadernos, folhas de papel, separadores de arquivos ou caixas de charutos. “Eu é que sou filho do Moita Macedo, não é ele que é pai do Paulo”, haveria de repetir enquanto guiava a **SÁBADO** pela exposição *Moita Macedo Poeta Pintor*. Durante uma hora, o presidente da CGD trocou a banca pelas cerca de 100 obras que até dia 19 vão continuar na reitoria da Universidade de Lisboa – e pelas memórias que tem do pai.

Se tivesse de escolher um quadro para começar a mostrar a exposição, qual seria? Paulo Macedo hesita, mas acaba por se fixar na imagem que faz a capa do catálogo. “Gosto de diversos quadros, mas gosto bastante deste. É um quadro abstrato e tem uma técnica mista: há aqui uma parte que é matéria, não se limita a pintura simples, uma parte de raspado, que ele fazia umas vezes com lâmi-




Moita Macedo teve cinco filhos - Paulo Macedo é o mais novo (na foto, está ao colo de um irmão)

nas, outras vezes com espátulas ou até com pentes. Gosto da questão da textura e do conjunto. Podemos ver o quadro como um todo, mas depois quando vamos ao pormenor tem figuras, sugestões e tem sobretudo uma questão da libertação do gesto.”

Uma libertação que o ribatejano Moita Macedo, durante 24 anos empregado de escritório na Siderurgia Nacional, praticava em vários suportes. “Se repararem, a maior parte dos suportes são papel, alguns são cartão prensado ou platex. Telas há poucas, eram mais caras.” E o mais caro nem sempre era possível para uma família com cinco filhos em que a cultura não chegava para pagar as contas. “O papel era um material bastante mais

acessível, mas onde se conseguem fazer desenhos como aquele, que eu acho espantoso, em que duas linhas fazem duas pessoas a dar um beijo.”

Os quadros na sala de jantar

Quando era miúdo, Paulo Macedo lembra-se de não perceber bem os desenhos abstratos, muitos feitos com tinta da china, que o pai lhe mostrava na casa onde viviam, em Queluz. “Alguns destes desenhos não são muito fáceis de entender para um miúdo. A pintura é uma coisa que se aprende.” E para quem, como ele, se habituou a vê-la ali ao lado, talvez fosse natural aprender. Ainda hoje, 40 anos depois da morte do pai, ir ao ateliê de um pintor é um “momento mágico”, que aproveita sempre que pode. Nas suas festas de aniversário é normal haver artistas, amigos a declamar poemas e músicas. Um ambiente que Moita Macedo aprovaria seguramente. “O meu pai primeiro pintava na sala de jantar, que era sala de jantar e escritório. A família era grande, portanto ele pintava muito em cima de uma mesa ou num cavalete. Só mais tarde começou a pintar num ateliê, que depois deixou para voltar a pintar novamente em casa, já com mais condições.” Com os poemas, era diferente: lia- 

Escultura

Em 1964 faz uma grande escultura de cinco toneladas, em aço, para as instalações do Cube do Pessoal da Siderurgia Nacional

“O MEU PAI PRIMEIRO PINTAVA NA SALA DE JANTAR. A FAMÍLIA ERA GRANDE E ELE PINTAVA MUITO NUMA MESA”



—os sobretudo à noite, com amigos, e o filho tem menos memórias desses tempos. “A poesia era muito dita depois do 25 de Abril, e em 1974 eu tinha 11 anos, não tinha idade para acompanhar” [risos].

Paulo Macedo é o mais novo de cinco irmãos. Quando o pai morreu, tinha apenas 20 anos, mas também ele ouviu várias vezes as histórias da longínqua Índia portuguesa onde Moita Macedo fez serviço militar. Foi ali que aprendeu a trabalhar em barro e marfim e que se envolveu no restauro de uma capela utilizada por militares portugueses. Cinco anos depois de regressar a Lisboa, em 1959, começou a trabalhar na Siderurgia Nacional, onde se manteria até morrer. Como o escultor e amigo Francisco Simões haveria de acrescentar, por telefone, nem ali parava de desenhar. “Tinha sempre uma pilha de folhas de papel A4, um pente, uma escova de dentes e frasquinhos de tinta da China. Estava permanentemente em ação.” Uma ação que podia ser interrompida pelo milionário e industrial António Champalimaud. “Quando fazia visitas à fábrica, o Champalimaud levava sempre o Moita Macedo. Sabia que ele era comunista, mas gostava dele, e ir com ele ajudava-o a sentir-se mais à vontade entre os operários”, conta Francisco Simões.

E se nos quadros a militância política podia perceber-se sobretudo no

▶ A exposição centra-se no período mais intenso da vida artística de Moita Macedo, entre 1971 e 1983



▶ Fernando Baptista Pereira selecionou todos os quadros, desenhos e poemas

ATÉ NO ESCRITÓRIO, TINHA SEMPRE UMA PILHA DE FOLHAS DE PAPEL A4, PENTE, ESCOVA DE DENTES E TINTA DA CHINA

título (*Uma Comenda para Pinochet*, por exemplo, pintado em 1974), nos poemas, alguns espalhados pela Reitoria, a “esvoaçar”, como diz o curador Fernando Baptista Pereira, as referências eram mais diretas. *Vencidos da Vida* diz assim: “Porra/um homem foi fuzilado/e nós ficamos na mesma/mas vinho para esta mesa/então pinteí uma tela de meio tamanho/nem branca nem negra nem cinzenta/ apenas cor de café com leite/com que nas pastelarias se acompanham os croissants.”

Muitos destes poemas morreram com ele, explica o filho. “Não os deixava registar, declamava-os para os amigos, em tertúlias, de improviso, e não permitia que gravassem. O que é uma pena. Mas queria que fossem

Os infinitos desenhos

Fernando Baptista Pereira estudou 800. Há muitos mais

“A primeira vez que fiz o estudo para o livro de desenhos vi cerca de 800. Entretanto, o Dr. Paulo Macedo mostrou-me outros, em pastas. Os três azuis que estavam em pastas não estavam sequer emoldurados. Foram emoldurados de propósito para a exposição. E ainda pequenos bloquinhos, comprados na papelaria, e desenhados da primeira à última folha. Estão em casa do Dr. Paulo Macedo, ainda não foi necessário usá-los.”

efémeros, para as pessoas que estavam ali naquele momento, com ele.” No CD que Paulo Macedo promoveu (como fez com vários livros de pintura e de desenho, além de exposições), dois destes poemas foram lidos por Maria Barroso. Eram “os chamados poemas mansos, como a Dra. Maria Barroso dizia”, conta divertido. “Depois de os ler disse-me assim: ‘Você só me dá poemas mansos dele para ler.’ Porque ele tem outros, que não são mansos” [risos].

Apesar de ter exposto em várias galerias — e de antes do 25 de Abril ter tido textos censurados e quadros rasgados — Moita Macedo era sobretudo um artista de intervenção. “Expôs em vida mas de uma forma muito fora do circuito comercial. Aliás, ele não tinha sentido comercial. Nem pouco nem muito” [risos]. Os quadros registavam aquilo a que chamava memografismos, as experiências que teimosamente ficavam na memória. “Os Quixotes, os Cristos, as Caravelas são alter egos dele, como se fossem heterónimos”, explica o curador.



Quando conheceu Almada Negreiros, começou a fazer experiências com vidro, com Artur Bual e Júlio Pomar discutiu retratos, em todos eles viu técnicas e inspirações. "Aquele retrato dele", aponta Paulo Macedo, "é do Júlio Pomar. Este é um do Artur Bual. Conta-se que um dia estava com o Bual e disse-lhe: 'tu só fazes esses retratos assim, não fazes retratos ainda mais incisivos, a arriscar mais. Então ele faz este retrato do meu pai, que é bastante incisivo e assertivo, até com alguma agressividade.'" Para Fernando Baptista Pereira, esta é "a melhor e maior exposição de Moita Macedo alguma vez realizada". Muitas das obras que estão expostas, acrescenta Paulo Macedo, "só viram a luz do dia agora, estiveram 40 anos guardadas, desde que ele as fez". Durante os três a quatro meses que a exposição demorou a preparar, Paulo Macedo have-



❶ *No fim da vida do pintor. A obra e a família (1982)* "Somos nós os cinco e ele, um ano antes da morte", diz Paulo Macedo

ria de deixar algumas na Reitoria. "Eu expliquei que só faria a exposição se fosse possível visitar as casas da família e trazer peças que nunca tinham sido vistas ou que raramente foram mostradas. A casa do Dr. Paulo Macedo e da irmã foram logo abertas. Depois, ele próprio continuou a trazer-nos obras, porque houve vários amigos que, sabendo que se estava a organizar a exposição, lhe telefonaram para emprestar quadros e desenhos", explica Fernando Baptista Pereira. "Claro que eu vi tudo e escolhi e distribuí como quis."

Não há imagens do pintor e poeta de cigarro na boca – mas podiam

VÁRIAS OBRAS EXPOSTAS "SÓ VIRAM A LUZ DO DIA AGORA, ESTIVE GUARDADAS, DESDE QUE ELE AS FEZ"

perfeitamente estar lá. A certa altura, já doente, "dizia-me assim: 'Epa, não me deixam fumar, manda aí uma baforada'", lembra Francisco Simões sobre as vezes em que lançou fumo para a cara do amigo. A última vez que o viu era domingo e iam pintar enquanto na cozinha se preparava uma feijoada. "Ele percebeu que estava a ter um enfarte. Era o 11º, já tratava os enfartes por tu." Quando todos pensavam sair a correr para o hospital, Moita Macedo fez saber o contrário. "Primeiro vamos pintar, depois vamos comer a feijoada, e a seguir vamos para Santa Maria." E assim foi. Seria o último enfarte. Morreu nessa madrugada de 1983, aos 53 anos. "Um poema do Herberto Helder diz que os gregos só perguntavam a uma pessoa, quando morria, se tinha vivido com paixão", diz Paulo Macedo. "Era a única pergunta que valia a pena. E ele viveu." ❷